

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDRO HENRIQUE ÁVILA DA FROTA

A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E O PROGRAMA “RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA” NA INTRODUÇÃO DAS LUTAS NO CONTEXTO ESCOLAR.

Porto Alegre

2024

PEDRO HENRIQUE ÁVILA DA FROTA

A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E O PROGRAMA “RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA” NA INTRODUÇÃO DAS LUTAS NO CONTEXTO ESCOLAR.

Trabalho de conclusão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Educação Física.

Orientador: Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família por todo o suporte, apoio e incentivo nos estudos, me proporcionando um ensino de qualidade durante toda minha formação escolar. Em especial agradecer ao meu pai, por todo o incentivo no esporte e nas artes marciais, me levando e acompanhando nos treinos quando eu era pequeno, dividindo opiniões, estando ao meu lado durante os campeonatos, e sendo meu parceiro durante a trajetória esportiva. Também dedico um agradecimento especial à minha mãe e ao meu padrasto, que sempre me incentivaram a ingressar na universidade federal, não me deixando desestimular nos momentos difíceis, assim como apoiaram a liberdade de escolher meu caminho profissional, incentivando a minha escolha de curso desde o início, e me proporcionando todo o apoio e estrutura durante a formação acadêmica.

Agradeço aos meus mestres pelos conhecimentos transmitidos durante todos esses anos, e o ensinamento dos valores de disciplina e respeito presentes na arte marcial. Também cabe ressaltar a importância dos meus alunos da academia por me proporcionarem a primeira vivência como professor, me preparando para estar mais tranquilo nas vivências futuras durante minha formação acadêmica.

Também agradeço à todos os professores do curso de Licenciatura em Educação Física pelos conhecimentos transmitidos durante esses anos, em especial para a professora Veruska, que me auxiliou durante o projeto de Residência Pedagógica como orientadora, possibilitando colocar os ensinamentos teóricos na prática, e me dando a oportunidade de introduzir a temática das lutas no contexto escolar.

À minha dupla de residência, meu colega Alex, por dividir o desafio de introduzir uma temática não muito comum de ser abordada nas escolas, e trabalhar comigo durante a construção do plano de trabalho e no andamento das aulas ministradas no projeto. Assim como aos meus alunos da Residência, por me proporcionar a vivência de professor/residente no ambiente escolar, dessa forma colocando as aprendizagens acadêmicas na prática.

Por fim, um agradecimento em especial ao professor Alex, pelos ensinamentos na disciplina de currículo e planejamento, que me auxiliaram bastante durante a construção do plano de trabalho do projeto de residência, e por me orientar ao longo do TCC, mesmo diante das adversidades do semestre.

RESUMO

Os esportes de combate não são muito presentes nas aulas de Educação Física, mesmo que previstos na Base Comum Curricular, porém podem servir de opção para ir além dos esportes tradicionalmente trabalhados nas escolas. Esse trabalho é um memorial de experiência, com o objetivo de mostrar a introdução dos esportes de combate no contexto escolar, a partir do projeto de Residência Pedagógica. O primeiro capítulo relata a respeito das experiências acadêmicas, discorrendo sobre as disciplinas mais marcantes para o meu processo a ser um futuro professor. O segundo capítulo aborda a experiência no projeto de Residência Pedagógica, apresentando como funciona essa proposta, como foi a introdução dos esportes de combate durante esse projeto, como foi a construção do plano de trabalho e estratégias de ensino utilizadas, e as reflexões que surgiram a partir da participação nesse projeto.

Palavras-chave: Esportes de combate. Residência Pedagógica.

ABSTRACT

Combat sports are not very present in Physical Education classes, even if provided for in the National Common Curricular Base, but they can serve as an option to go beyond the sports traditionally taught in schools. This work is a memorial of experience, with the aim of showing the introduction of combat sports in the school context, based on the Pedagogical Residency project. The first chapter reports on respect for academic experiences, discussing the most important subjects for my process of becoming a future teacher. The second chapter addresses the experience in the Pedagogical Residency project, presenting how this proposal works, how combat sports were introduced during this project, how the work plan was constructed and teaching strategies used, and the reflections that emerged from participation in this project.

Keywords: Combat sports, Pedagogical Residency.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I.....	9
1. Disciplinas da formação básica.....	9
2. Disciplinas típicas da licenciatura.....	13
Capítulo II.....	18
1. Residência Pedagógica.....	18
2. As experiências da residência pedagógica e a introdução das lutas.....	19
3. “Projeto Escola que Protege”: Uma iniciativa em defesa dos direitos da criança e do adolescente.....	28
Considerações finais.....	31
Perspectivas futuras.....	32
Referências.....	34

INTRODUÇÃO

A paixão pelas artes marciais surgiu muito cedo na minha vida, por volta dos seis anos de idade já demonstrava interesse em me inserir nesse mundo, porém inicialmente com certa relutância dos meus pais, que me julgavam muito novo para a prática ainda. No entanto, aos meus nove anos de idade, ingressei em uma turma de Kildo Self Defense como atividade extracurricular na escola a qual eu estudava, sendo essa uma arte marcial brasileira e desenvolvida em Porto Alegre pelo mestre Liandro Santafé Pimentel, o qual era o responsável por nos dar as aulas, com o objetivo de proporcionar aos alunos noções de defesa pessoal. Assim se deu meu primeiro contato com as artes marciais, permanecendo nessa arte até meus 12 anos de idade, me dedicando aos treinos e graduações, participando e assistindo apresentações do Kildo e reforçando minha paixão pela luta, mas sempre sonhando com a modalidade do Muay Thai.

Então, aos meus 14 anos, conheci a academia a qual atualmente sou instrutor e comecei minha jornada no Muay Thai. Logo no primeiro treino percebi que havia encontrado meu caminho, pela primeira vez comecei a ter a experiência em bater nos aparadores, participar de circuitos de treino, e ter treinos de luta com contato, mais conhecidos como sparring. A partir dessa experiência comecei a pensar nos próximos passos e cheguei à conclusão que gostaria de entrar no mundo das competições, aos meus 15 anos ganhando meu primeiro campeonato gaúcho e iniciando nessa nova jornada, que me motivou até mesmo a aderir às modalidades do Jiu Jitsu e o Boxe na minha rotina, presente em minha vida até os tempos atuais. Aos meus 16 anos de idade, final do ensino médio, eu já estava auxiliando em alguns momentos do treino e sendo preparado para futuramente ministrar aulas. Essa experiência, assim como a vivência durante esses anos no esporte, me levou a seguir o caminho da Educação Física.

O primeiro capítulo descreve a minha participação durante a formação na ESEFID, dissertando acerca das disciplinas que considero ser mais marcantes no meu processo de formação a ser um professor. O segundo capítulo, dividido em três grandes partes, aborda a minha experiência no projeto da Residência Pedagógica, primeiramente abordando o projeto de um modo geral. Já em um segundo momento

abordando a sua atuação na ESEFID, e sobre a oportunidade que o projeto me proporcionou de trabalhar a temática das lutas. Por fim, em um terceiro momento, discorre sobre como a Residência me incentivou a pesquisar mais sobre iniciativas contra as situações de violência e me motivou a encontrar o projeto “Escola que Protege”, trazendo reflexões sobre uma possível relação da temática das lutas e do contexto da Educação Física escolar para auxiliar esse projeto no combate à violência infantil.

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO ACADÊMICA

1.1 DISCIPLINAS DA FORMAÇÃO BÁSICA

Quando fiz o vestibular para ingressar em Educação Física na UFRGS, se podia escolher o turno do curso: manhã ou tarde, mas não a habilitação, pois só a licenciatura era oferecida via vestibular. Não havia a opção pelo Bacharelado, pois o ingresso nesta habilitação se dava, caso o estudante assim optasse, pelo ingresso de diplomado após a conclusão da licenciatura. Para mim, à época, essa estrutura de ingresso me pareceu um pouco confusa, mas como meu objetivo sempre foi concluir as duas habilitações, apesar da preferência pelo Bacharelado, esse fato não foi um problema.

Meu interesse pela licenciatura era mais na linha de ter uma possibilidade de ampliação do campo de trabalho, mas quando cheguei ao momento de realizar o estágio de docência obrigatório em Educação Infantil, que, por incrível que pareça, foi depois do estágio de docência no Ensino Fundamental, e juntamente com o projeto da Residência Pedagógica, passei a ver a Licenciatura com outros olhos, ao ponto de atualmente considerá-la como uma prioridade de investimento profissional, mas, obviamente, sem fechar a porta para os serviços típicos do Bacharelado. Evidentemente, esta mudança de perspectiva não se deu de repente. Mesmo as disciplinas consideradas mais voltadas à formação básica, tanto para o Bacharelado, quanto para a Licenciatura, já foi possível perceber algumas conexões com o campo da Licenciatura.

A primeira delas foi a de Desenvolvimento Motor, a qual apresentou o papel desse desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, bem como o papel da competência motora no âmbito social e psicológico. Essa disciplina foi responsável pelo conhecimento das etapas de desenvolvimento motor, dos fatores que influenciam este desenvolvimento, de formas de avaliação do movimento humano, bem como da estruturação de programas que visem à qualificação das habilidades motoras do indivíduo. Apresentando os estudos de Gallahue (1996) é revelada a importância da

fase dos movimentos fundamentais na infância (andar, correr, chutar, lançar, arremessar entre outras) sendo um período de descobrimento de uma variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos. Essa fase é caracterizada dos dois aos sete anos de idade, logo no período em que a criança está na Educação Infantil, mostrando a importância do papel do docente no estímulo dessas habilidades motoras, que também contribuem para o desenvolvimento futuro da aptidão desses alunos para a prática de diversas modalidades esportivas, sem frustrações e dificuldades. Dessa forma, desenvolver e refinar essas habilidades motoras fundamentais durante a Educação Infantil, e anos iniciais do Ensino Fundamental, se mostra muito importante para aquisições motoras futuras, as quais para Gallahue (2013) é um processo contínuo ao longo de toda a vida, mostrando a importância de seu desenvolvimento durante todas as idades.

A disciplina também apresentou um seminário de pesquisa que se dava por meio de uma apresentação oral sobre alguns artigos sugeridos durante o semestre, o qual me chamou a atenção as ideias presentes no livro “Ensinando Educação Física nas séries iniciais: desafios e estratégias” de Valentini & Toigo (2006), que além de retomar conceitos vistos durante a disciplina, como a importância do desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais para uma maior familiaridade com a aquisição futura de habilidades motoras especializadas, também propõe uma metodologia de trabalho que busca a união de uma forma centrada na técnica (prática repetitiva de habilidades motoras fundamentais e especializadas, fora do contexto do jogo) e uma forma centrada no jogo (habilidades motoras fundamentais e especializadas sendo trabalhadas diretamente no contexto do jogo). Dessa maneira propõe o jogo como uma forma de acrescentar um refinamento nas habilidades motoras fundamentais, possibilitando a construção de níveis motores mais avançados. Por fim, vale ressaltar a introdução de práticas apropriadas, as quais as autoras propõem a ideia de práticas que respeitam os níveis de desenvolvimento, interesses, individualidades e cultura dos alunos nas aulas de Educação Física com práticas apropriadas.

Outra disciplina marcante da formação básica foi a Fisiologia do Exercício. Nela foram apresentados diversos conceitos que se enquadram também no contexto escolar, como a aula sobre a termorregulação nas crianças. Tanto nessa aula, quanto nos estudos de Gomes, L. H. L., Carneiro-Júnior, M. A., & Marins, J. C. B. (2013) foi

mostrado que o ser humano perde calor por condução, convecção, radiação e evaporação, sendo a evaporação do suor um importante fator para a regulação da temperatura corporal. Além disso, também vale ressaltar o conceito de superfície corporal relativa, que é o produto da superfície corporal pela massa do indivíduo, sendo as crianças a apresentarem uma maior superfície em relação aos adultos. A partir dessa informação, essa aula nos atentou para situações importantes quanto ao exercício em crianças, pelo fato de terem uma maior superfície corporal relativa em relação aos adultos, elas recebem mais calor por radiação, e juntamente com o não desenvolvimento total da glândula sudorípara (prejudicando a evaporação do suor) pode resultar em um maior índice de elevação da temperatura corporal, podendo levar a um quadro de hipertermia. Logo compreender as questões sobre a termorregulação em crianças e adolescentes mostra-se de extrema importância na condução das aulas de Educação Física em climas quentes, assim como das estratégias de hidratação durante essas aulas, preservando a saúde dos alunos.

Também vale ressaltar os cuidados ao exercício das crianças em ambiente aquático, que mesmo não sendo uma prática tão comum nas escolas, está previsto pelo Referencial Curricular Lições do Rio Grande (2009). Portanto, referente a essa diferença de superfície corporal relativa entre crianças e adultos, constata-se que as crianças trocam mais calor por condução e convecção em relação aos adultos, dessa forma apresentando uma maior propensão ao risco de hipotermia em ambientes aquáticos, dessa forma necessitando de uma maior atenção aos cuidados nesse ambiente para preservar a saúde dessas crianças.

Outro ponto que me chamou a atenção para trabalhar com as crianças no ambiente escolar, foi um momento que tivemos a análise dos gráficos de consumo de oxigênio, apresentado durante a aula, o qual indicava a ausência de platô nas crianças, que é um ponto de estabilidade desse consumo de oxigênio. Com isso, a aula nos apresentou que as crianças não apresentavam um consumo de oxigênio máximo, mas sim um consumo pico, nos alertando que as crianças apresentam uma menor capacidade de utilização do sistema anaeróbio, relacionado também ao baixo índice de lactato muscular presente nas crianças. Corroborando com esses conceitos trabalhados na disciplina, Tourinho Filho, H., & Tourinho, L. S. P. R. (1998) defende a cautela na determinação da intensidade de treinamento aeróbio para crianças e

adolescentes baseado no limiar anaeróbio, principalmente com esse limiar determinado a partir de valores fixos de lactato, pelo fato de as crianças possuírem uma limitação real em relação ao metabolismo glicolítico e, conseqüentemente, à produção de lactato. Dessa forma, mostrando que muitos professores de Educação Física, em atividades extracurriculares, cobram excessivamente certo desempenho das crianças em atividades anaeróbias, mas sem ter o conhecimento de que essa cobrança não está condizente com a faixa etária de seus alunos, que podem e devem praticar todos os tipos de exercícios, porém sem cobranças excessivas por rendimento.

Para finalizar a pauta das disciplinas da formação básica, é necessário compreender que o currículo atual da Licenciatura em Educação Física prevê a realização de, no mínimo, três disciplinas de esportes, a critério do graduando. Essas disciplinas me marcaram bastante, uma vez que me proporcionaram vivências teóricas e aulas práticas visando a formação como professor, que futuramente ensinará nas escolas o esporte abordado durante essas disciplinas. Logo, a partir das aulas práticas surgem diversas estratégias de como trabalhar aquele determinado esporte no contexto da iniciação, priorizando a participação dos alunos para um bom andamento das aulas.

Essas disciplinas levantam reflexões sobre como a rigidez na cobrança das regras muitas vezes acabam não deixando os jogos fluírem durante as aulas, trazendo certo desinteresse de alguns alunos com aquele esporte. Sendo assim, essas disciplinas procuram trabalhar, através das aulas práticas, estratégias como a utilização de minijogos, quadra reduzida e a seleção das regras a serem trabalhadas, levando em consideração que algumas não são tão essenciais no contexto da iniciação e muitas vezes podem até atrapalhar no andamento dos jogos. Como o exemplo da regra do duplo trifásico do Handebol, a qual os alunos muitas vezes ficam muito preocupados em não exceder os limites de três passos segurando a bola, deixando o jogo muito travado e menos fluído, tornando a prática menos empolgante para eles. Apesar de ser uma regra muito importante, mostra-se um cuidado com a rigidez na cobrança desse limite de três passos para não ficar parando o jogo a todo o momento, sendo mais eficaz avisar o aluno de seu erro, caso esse seja constante em diversas jogadas.

Outro exemplo nesse mesmo esporte é a importância da organização do ensino dos conteúdos, um exemplo a ser citado é o ensino do drible, que se ensinado antes do duplo trifásico, pode atrapalhar no aprendizado desse fundamento em um momento futuro. Pois no duplo trifásico o aluno tem a oportunidade de executar três passos com a bola, quicá-la no chão (drible) e executar mais três passos, porém ensinar o drible antes desse fundamento pode condicionar o aluno a já quicar a bola no chão logo que receber um passe, perdendo assim a primeira vantagem de três passos. Mostrando também o cuidado com o planejamento da ordem dos conteúdos ou esportes a serem ensinados durante o ano letivo, Rosário, L. F. R., & Darido, S. C. (2005) mostra em seu estudo, a partir da entrevista de seis professores de Educação Física, que trabalham com as turmas de 5ª à 8ª séries, de escolas públicas e particulares, que um desses professores não teve uma experiência satisfatória ao trabalhar o Basquete no bimestre que antecedia ao Handebol. Visto que o aprendizado do drible no Basquetebol, fez com que os alunos também o realizassem no bimestre seguinte, no Handebol. Porém, segundo a mesma, esse fundamento atrapalha a dinâmica do handebol quando executado demasiadamente.

1.2 DISCIPLINAS TÍPICAS DA LICENCIATURA

Deparando-me com as disciplinas de Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, foi o momento o qual comecei a me aproximar diretamente da Licenciatura. Essas disciplinas, através de textos de apoio, vídeos e conversas com professores convidados apresentou diversas abordagens em relação à faixa etária das turmas, também retomando conhecimentos

passados sobre o que os alunos estariam aptos ou não, de acordo com seu desenvolvimento em uma determinada etapa de ensino.

Um ponto muito marcante nessas disciplinas foi o momento em que cada uma delas colaborou na construção de conhecimentos sobre os aspectos teórico-metodológicos do processo de ensino aprendizagem da Educação Física, por meio da elaboração de um plano de trabalho, que proporcionou um conhecimento mais profundo a respeito da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, estudando conceitos sobre unidades temáticas, dimensões do conhecimento, objetivo e conteúdo de aprendizagem, e intenção pedagógica. Também foi muito proveitosa a abordagem de diversas formas de trabalhar respeitando os níveis específicos de cada etapa escolar.

No contexto da Educação Infantil, Buss-Simão, M., & Fiamoncini, L. (2013) retratam o tempo da infância como o tempo do lúdico, das brincadeiras, do “faz- de -conta”, do movimento, dos risos, dos choros, da exploração dos tempos e espaços, e da reiteração. Sendo essa última relacionada a uma contínua recriação das mesmas situações e rotinas.

Já a etapa do Ensino Fundamental é dividida em três fases por Betti, M., & Zuliani, L. R. (2002), sendo a primeira (até o quarto ano) com o objetivo de privilegiar o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, jogos e brincadeiras de variados tipos e atividades de autotestagem. A segunda (até o quinto ano) promovendo a iniciação nas formas culturais do esporte, das atividades rítmicas/dança e das ginásticas. Porém ainda priorizando um ambiente lúdico e prazeroso para os alunos, tornando a aprendizagem de habilidades técnicas como um objetivo secundário. E na última etapa (anos finais do Ensino Fundamental), o autor defende o aperfeiçoamento de habilidades específicas e a aprendizagem de habilidades mais complexas, mais voltadas à aptidão física, mas sem deixar de lado o trabalho de conceitos teóricos sobre a cultura corporal de movimento.

Na etapa do Ensino Médio existe uma articulação que se difere da organização curricular das demais etapas da Educação Básica. Após a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), em 26 de junho de 1998, os

conteúdos e disciplinas dessa etapa começaram a ser desenvolvidos através de áreas do conhecimento, trabalhando por meio de competências e habilidades, e buscando um currículo que prioriza a interdisciplinaridade. Para uma melhor compreensão dessa forma de ensino, é importante mencionar o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, criado nesse mesmo ano como uma ferramenta de análise do nível da Educação no Ensino Médio, e se tornando uma porta de entrada para as universidades após a criação do Programa Universidade para Todos - ProUni, em 2004, que possibilita o direito à bolsa em universidades particulares por meio da nota no ENEM. Porém a partir da introdução do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), em 2009, selecionando os estudantes para vagas de ensino superior público com base no ENEM, o mesmo tornou-se um dos focos dos estudos nas escolas e consolidou esse ensino através das áreas do conhecimento.

A Educação Física, a partir dessa distribuição, se enquadrou na área das linguagens, segundo da Fonseca, D. G., Machado, R. B., da Silva Tavares, N., Fernandes, F., Machado, S., & Costa, A. C. (2015) criando sujeitos que saibam se articular entre si, trabalhar em conjunto e que aprendam a realizar outros modos de ler e de estar neste mundo, também são mostradas contribuições importantes no processo avaliativo dos alunos, sendo esse feito por um grupo de professores e possibilitando uma perspectiva no entendimento dos alunos sobre quem eles são e sobre suas subjetividades. Os autores também apresentam a linguagem corporal como o fundamento da Educação Física, mostrando que através dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, a Educação Física Escolar deve tratar da cultura corporal em sentido amplo, para além de uma prática que visa repetir os programas do Ensino Fundamental, pautados por aprendizagem de alguns esportes e de gestos técnicos esportivos, ressignificando-os, considerando que há uma variedade enorme de aprendizagens a serem conquistadas.

Portanto, essas disciplinas de fundamentos serviram como uma preparação para os estágios obrigatórios. A partir da elaboração do plano de trabalho para cada etapa da Educação Básica, amparado pelas leituras e ideias apresentadas pelos diversos autores que estudamos durante essas disciplinas, me senti mais apto a realizar esses planos e trabalhados na etapa dos estágios, porém com o desafio de colocá-los em prática na sala de aula.

Já a etapa dos estágios obrigatórios foi o momento de maior desafio, colocando em prática todo o conhecimento teórico adquirido a partir do início da atuação nas escolas. Em um primeiro momento esses estágios mantiveram a proposta das disciplinas de Fundamentos, a respeito da elaboração de um plano de trabalho, porém colocando-o em prática. Ao longo do semestre, iniciando o momento de ministrar as aulas, se mostrou muito importante a realização dos planos de aula, relatórios das aulas e reuniões semanais.

Os planos de aula estimulavam o exercício de selecionar e identificar a unidade temática, objetivo de aprendizagem, conteúdo de ensino e intenção pedagógica a serem trabalhados durante cada aula, criando uma rotina de planejamento para os estagiários. Também vale ressaltar a importância dos relatórios das aulas, sendo esse o momento de refletir sobre quais estratégias de ensino deram certo ou errado durante a aula, assim como identificar as características de cada turma, dessa forma possibilitando correções nos planos para as próximas aulas. Outro ponto fundamental durante essas disciplinas eram as reuniões semanais, as quais proporcionavam uma reflexão coletiva a respeito das aulas, por meio de debates e trocas de experiências com os demais colegas e com o professor, que geralmente apresentava algum artigo. Entre essas leituras, me marcou muito o trabalho de Daolio, J. (2003) que propõe a Educação Física da desordem, que liberta na Educação Física os chamados elementos da ordem, a subjetividade, o indivíduo e a história, para permitir sua transformação em elementos de desordem, a intersubjetividade, a individualidade e a historicidade. Segundo o autor essa Educação Física da desordem não se preocuparia em controlar ou domesticar objetivamente elementos como o indivíduo, o espaço, o movimento e a sociedade, mas sim pretende atuar sobre o ser humano no que concerne às suas manifestações corporais eminentemente culturais, respeitando e assumindo que a dinâmica cultural é simbólica e variável.

Essa leitura me marcou muito devido ao momento pelo qual estava passando no estágio, responsável pelas aulas na turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. Via-me muito preocupado em manter os aspectos da ordem durante as aulas, perdendo muito tempo de trabalho com os alunos. A partir dessa leitura foi possível ter uma visão diferente das aulas e buscar estratégias de atividades mais diretas e

voltadas à exploração dos materiais que eram utilizados. Ao invés de proibir sua utilização até ser passada todas as instruções das atividades da aula, momento o qual era perdido muito tempo tentando obter a atenção dos alunos, que estavam muito preocupados em tentar explorar o material novo, optei pela inserção de um momento inicial de exploração livre desses materiais ao início das aulas, eliminando a curiosidade e euforia inicial dos alunos e gerando um melhor andamento durante o resto da aula.

Os estágios mostraram que às vezes nossas aulas podem não sair como o planejado, por isso é preciso buscar diversas estratégias de ensino para chegar ao nosso objetivo de aprendizagem, muitas vezes conhecendo melhor a turma e criando estratégias que melhor funcionem com os estudantes que estamos trabalhando.

Por fim, a disciplina de Currículo e Planejamento na Educação Física Escolar foi muito marcante, complementando a experiência nos estágios, de maneira a trabalhar o currículo com um pensamento mais maduro, após experimentar as dificuldades dos estágios, e as estratégias que deram certo ou não. Nesse momento a BNCC já era bastante familiar, porém a disciplina inovou trazendo o Referencial Curricular – Lições do Rio Grande (2009), que é um documento que define e sugere o que deve ser ensinado durante a Educação Básica, semelhante à BNCC, porém trazendo certas especificações. A partir do uso do Referencial, e da escolha da instituição de ensino, montamos um plano de estudos para essa instituição. Nesse plano deveríamos levar em consideração aspectos relacionados à função social da escola, a infraestrutura disponível, a visão sobre a Educação Física, e a carga horária na Educação Física para construir um plano condizente com o que seria possível de ser executado. A partir desses aspectos selecionamos a nossa expectativa de aprendizagem, faixa etária a ser trabalhada, e os conteúdos e competências de acordo com essa faixa e o tempo disponível para trabalhá-los. Mesmo após passar pela experiência nos estágios obrigatórios, ainda foi possível aprender um conceito novo a partir da disciplina de Currículo e Planejamento, que apresentou o conceito de Progressão Curricular, mostrando que um objetivo de aprendizagem final pode ser desenvolvido através de vários anos e etapas escolares, e ampliando o nosso repertório de planejamento curricular.

CAPÍTULO 2

2.1 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Além da experiência acadêmica e nos estágios obrigatórios, o projeto da Residência Pedagógica foi outro momento marcante em minha formação, pois foi ali que pude pôr em prática os conhecimentos que adquiri ao longo do curso, somados aos meus interesses de trabalho na área.

Primeiramente é importante compreender que o programa da Residência Pedagógica está previsto pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e tem por finalidade fomentar projetos institucionais de Residência Pedagógica implementado por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. Dentre seus objetivos o programa aspira fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes dos cursos de licenciatura, assim como contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciados, e valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciados para a sua futura atuação profissional.

Os projetos institucionais a serem apoiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES no âmbito do Programa de Residência Pedagógica - PRP são selecionados por meio de editais, os quais estabelecem os requisitos e os procedimentos relativos à participação das Instituições de Ensino Superior - IES interessadas. Esses devem ser desenvolvidos pela IES de maneira articulada com as redes de ensino e com as escolas públicas de educação básica, contemplando diferentes aspectos e dimensões da Residência Pedagógica.

O projeto geral da Residência Pedagógica é composto pelas funções de residente, coordenador institucional, docente orientador e preceptor. A função de residente exige matrícula ativa em licenciatura e um pré-requisito de 50% de conclusão de curso, ou estar cursando pelo menos o quinto semestre. Já o coordenador institucional é uma função ofertada para docentes de instituições de ensino superior (IES), que seja responsável pela execução do projeto Institucional de

Residência Pedagógica. A modalidade de docente orientador, também é ofertada para o docente da IES, que será responsável por planejar e orientar as atividades dos residentes de seu núcleo de Residência Pedagógica. Por fim, o cargo de preceptor está disponível para o professor da escola de educação básica, que será responsável por acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas na escola-campo. Portanto, de novembro de 2022 até abril de 2024, tive minha participação no projeto da Residência Pedagógica ocupando a função de residente.

2.2. AS EXPERIÊNCIAS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E A INTRODUÇÃO DAS LUTAS

Durante o início da minha participação no projeto de Residência Pedagógica esperava encontrar algo muito parecido com o que já havia feito nos estágios obrigatórios, pois além de serem muito semelhantes, é possível aproveitar a Residência Pedagógica nos estágios obrigatórios do curso de licenciatura em Educação Física na UFRGS. Porém, com o passar do tempo, percebi que a Residência oferece experiências muito diferentes daquelas que tivemos nos estágios previstos no currículo, proporcionando aos residentes a liberdade em escolher as unidades temáticas, dimensões do conhecimento, objetivos de aprendizagem, conteúdo de ensino, e a intenção pedagógica. Além disso, ela também proporciona muito mais tempo de trabalho com a mesma turma, o que fortalece o vínculo de professor/residente e aluno. Para Del Prette, Paiva & Del Prette, (2005) as crenças, sentimentos, motivações e habilidades dos professores influenciam e são influenciadas por suas ações e interações educativas junto aos alunos, assim como pelos resultados de rendimento acadêmico e desenvolvimento cognitivo e emocional desses alunos. Portanto, os sentimentos, motivações e crenças que afetam o rendimento escolar do aluno podem também estar associados às ações do professor, dessa forma mostrando a influência que esse vínculo apresenta no desenvolvimento escolar dos alunos.

Ao longo de nossa formação acadêmica estudamos muitas vezes sobre a importância de ampliar o repertório de práticas corporais dos alunos, e muitas vezes surgiram debates e críticas acerca de professores que passaram por nossa jornada escolar trabalhando apenas com os esportes já conhecidos como o futebol, handebol,

vôlei e basquete. Porém, muitas vezes, quando desafiados a irmos para a escola e exercer o papel de professores, também acabamos muitas vezes reproduzindo essa cultura de trabalhar com esses esportes mais populares na escola. Ao encontro dessa temática, da Cunha Matos, M. (2020) mostra a importância dos esportes alternativos, denominados pelo autor como os esportes não tradicionais em nosso país, para a ampliação do repertório motor dos alunos, contribuindo para o descobrimento e estímulo de novas formas de arremessar, saltar, correr, agachar, rolar, e posicionar-se diante de adversários e táticas. O autor também defende que a implementação desses esportes alternativos contribui para o estímulo da autonomia dos alunos por uma melhor qualidade de vida, pois com a maior oferta de práticas corporais, os estudantes terão mais opções de escolha da prática corporal que julgarem mais adequada á sua realidade.

Ao iniciar no momento de planejamento do primeiro trimestre, no projeto de Residência Pedagógica, deparei-me com a situação na qual nós, os residentes, seríamos distribuídos em duplas para ministrar as aulas na escola. Como a escola não nos apresentou um plano de estudos para seguir, cada dupla teve a liberdade de criar o seu próprio plano de estudos para cada semestre, selecionando uma unidade temática e a respectiva dimensão do conhecimento, para basear os objetivos de aprendizagem e o conteúdo de ensino de cada aula. Esse plano era revisado pelo professor orientador ao início e ao final de cada semestre, bem como era cobrado os planos de cada aula e relatórios, discutidos em reuniões semanais pelo orientador e os residentes. Já o acompanhamento durante as aulas era feito na maior parte do tempo pelo professor preceptor, orientando sobre algum cuidado em específico devido alguma situação ocorrida em outra disciplina, ou quando houvesse a necessidade de interferir em casos de agitação excessiva da turma, algum conflito mais sério entre os alunos, ou até mesmo sugerindo alguma estratégia pedagógica nas aulas.

Refletindo sobre a construção desse plano de trabalho com a minha dupla, descobri que ele também tinha certa experiência com a área das lutas, mais especificamente já havia trabalhado com aulas de Karatê em academias. Logo, baseados nessa liberdade de planejamento, em nossa bagagem no meio das artes marciais, e nas reflexões anteriormente apresentadas sobre a importância da introdução dos esportes alternativos na Educação Física escolar, decidimos que

nossa unidade temática do primeiro trimestre seria as lutas, dividida entre as modalidades de Karatê e Muay Thai.

As aulas foram ministradas na Escola Estadual Duque de Caxias, localizada no município de Porto Alegre, contemplando as turmas de segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental, totalizando doze aulas no trimestre. Como mencionado anteriormente, esse trimestre foi dedicado à unidade de ensino das lutas, a qual trabalhamos as modalidades de Muay Thai e Karatê, dividindo 6 aulas do trimestre para o Karatê e 6 aulas para o Muay Thai, e a dimensão do conhecimento utilizada foi a experimentação.

As aulas iniciais trabalharam com os objetivos de aprendizagem voltados aos aspectos históricos e culturais do esporte, durante essas aulas, abordamos diversas conversas sobre esse contexto sociocultural, mas sem deixar de lado a introdução de brincadeiras lúdicas para uma maior aprendizagem do conteúdo trabalhado. Um exemplo dessas atividades foi a brincadeira para associar as cores da bandeira do país de origem, outra atividade foi a brincadeira sobre a imitação dos animais, relacionada ao surgimento do Karatê, e uma adaptação da música da Xuxa: “Cabeça, ombro, joelho e pé”, alterada para as partes do corpo utilizadas na prática do Muay Thai (mãos, cotovelos, joelho e pé).

Já as aulas seguintes do trimestre foram focadas nos objetivos de aprendizagem voltados aos aspectos técnicos como as principais posições, bases, defesas e ataques. Durante essas aulas foi utilizada a estratégia de ensino de trabalhar os meios técnicos a partir de brincadeiras lúdicas, na dimensão do conhecimento da Experimentação. Também vale mencionar que ao longo de todas as aulas, foram trabalhados os princípios norteadores de uma boa convivência, utilizando conversas e debates durante momentos das aulas sobre o tema, visando a dimensão do conhecimento da Construção de Valores.

Para Carreiro (2005), a maior resistência encontrada para trabalhar as lutas na escola é por parte dos próprios professores, com argumentos sobre a falta de espaço, materiais, ou vestimentas adequadas para a prática. Porém, felizmente fomos apoiados pelo professor orientador a trabalhar com essa unidade temática, e não

encontramos nenhuma resistência ou preconceito com as modalidades por parte da escola, do professor preceptor, ou até mesmo dos outros professores e funcionários. Mas baseado nos argumentos apresentados pelo artigo citado, e na falta dos materiais relacionados à prática das lutas na escola trabalhada, na parte técnica foi utilizada uma metodologia que não necessitasse de materiais. Portanto dividimos essas aulas em um momento inicial de aprendizagem técnica de cada gesto trabalhado na aula, e um segundo momento utilizando brincadeiras modificadas para exercitar esses gestos técnicos.

Inicialmente os alunos tinham uma ideia totalmente diferente sobre a temática das lutas. Em nosso contato inicial, quando foi divulgado para a turma que trabalharíamos essa temática com eles, surgiram comentários associando as lutas com violência. Esse que é outro aspecto apresentado por Carreiro (2005) como argumento por parte dos professores para não trabalhar as lutas na escola, mas que em nossa experiência foi desconstruído com a turma ao longo do semestre, através da própria experimentação da temática das lutas. Visto que nas primeiras aulas tivemos alguns incidentes onde os alunos mostravam confundir as lutas com a violência, porém com todas as aulas sendo reforçado sobre essa diferença, mostrando que nas lutas preservamos o respeito ao próximo, utilizamos equipamentos, pois a intenção é pontuar e não machucar o colega. Dessa forma essa relação com a violência ideia foi sendo desconstruída na turma, o que mostrou uma evolução muito positiva nos alunos.

A respeito da avaliação dos alunos nesse semestre cabe ressaltar que para ambas as modalidades foi adotado o método de avaliação formativo. O instrumento utilizado foi um trabalho em duplas, o qual apresentava uma imagem grande de cada modalidade, e outras menores espalhadas pela folha, o objetivo era que os alunos conversassem entre si para ligar esses símbolos das modalidades corretamente, como um jogo de ligar os pontos. Também utilizamos um modelo de debate questionando sobre os aprendizados e o que os alunos mais gostaram nas aulas.

Para uma melhor visualização da forma que essas aulas foram trabalhadas, pode-se acompanhar a tabela abaixo:

Quadro 1 — Karatê

(Continua)

Unidade Temática	Objetivos de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégia de Ensino	Dimensão do Conhecimento	
Tema 1 (06 Aulas)	1	gem			
Tema (Karatê) Nº de aulas: 2	1	História do karatê Aspectos filosóficos e culturais.	Compreender a origem e desenvolvimento da modalidade.	Fixar os conteúdos estudados a partir de brincadeiras ligadas ao tema.	Compreensão
Tema (Karatê) Nº de aulas: 4	1	Principais Posições Posturas, Bases, Principais defesas de membros superiores, Principais Golpes, Chutes e Socos.	Vivenciar os movimentos e práticas específicas do karatê.	Ensino dos meios técnicos a partir de brincadeiras lúdicas.	Experimen- tação
Tema (Karatê) Trabalho ao longo das aulas.	1	Principais Regras da Modalidade Esportiva.	Identificar as possibilidades de estratégias do jogo a partir das regras.	Apresentação de vídeos e contextualização dos pontos disputados.	Análise

Quadro 1 — Karatê

(Conclusão)

Unidade	Objetivos de	Conteúdos	Estratégia de	Dimensão do
Temática	Aprendizagem		Ensino	Conhecimento
Tema 1				
(06 Aulas)				
Tema 1 (Karatê)	Princípios norteadores de uma boa convivência em sociedade.	Refletir sobre respeitar todos, necessidade de não compactuar com a violência e o preconceito de qualquer espécie.	Conversas e debates sobre o tema, notícias atuais sobre preconceito no esporte para estudo de casos.	Construção de valores.

Quadro 2 — Muay Thai

Unidade Temática	Objetivos de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias de Ensino	Dimensão do Conhecimento
Tema 2 (06 Aulas)				
Tema 2 (Muay Thai) Nº de aulas: 1	História da Arte, aspectos filosóficos e culturais.	Compreender a origem e desenvolvimento da modalidade.	Fixar os conteúdos estudados a partir de brincadeiras ligadas ao tema.	Compreensão
Tema 2 (Muay Thai) Nº de aulas: 5	Noções de base, movimentos de ataque e defesa	Vivenciar os movimentos práticos e específicos do Muay Thai.	Ensino dos meios técnicos a partir de brincadeiras lúdicas.	Experimentação
Tema 2 (Muay Thai) Trabalhado ao longo das aulas.	Principais Regras da Modalidade Esportiva.	Identificar as possibilidades de estratégias do jogo a partir das regras.	Apresentação de vídeos e contextualização da pontuação no esporte.	Análise
Tema 2 (Muay Thai) Trabalhado ao longo das aulas.	Aspecto social – Preservar a integridade física dos colegas.	Refletir sobre as formas de manter a integridade do colega dentro do jogo, sem perder a competitividade.	Conversas e debates sobre o tema.	Construção de valores.

Durante essa experiência em trabalhar as lutas no contexto escolar, tive a oportunidade de encarar alguns desafios. Durante os anos em que ministrei aulas na academia, mesmo que para turmas infantis, percebi que os objetivos em cada um destes contextos são muito diferentes, e a falta dos materiais presentes no dia a dia da escola torna essa experiência muito mais complexa, porém de grande evolução. Mesmo que em uma área que já estava familiarizado, poder buscar outros objetivos de ensino, procurar outras estratégias mais lúdicas para suprir a ausência dos materiais, certamente foi algo totalmente diferente do que era esperado, e contribuindo até mesmo para um maior repertório para as aulas que trabalho na academia, trazendo novas brincadeiras e atividades que motivam também esses alunos.

O momento de noticiar aos alunos que o tema do primeiro trimestre seria as lutas foi um ponto desafiador, pois além do nosso receio como residentes, de estarmos trazendo uma temática diferente para as aulas, muitos alunos relacionavam essa temática com a violência, e as primeiras falas que surgiram foram sobre brigar com determinado colega. Esse momento nos fez repensar sobre o trabalho com essa dimensão do conhecimento, porém resolvemos seguir com o planejamento de um modo gradativo, primeiramente com o ensino da história das duas modalidades, utilizando brincadeiras que seriam relacionadas com os conhecimentos trabalhados. Na modalidade do Karatê, conversamos com a turma explicando o surgimento dessa arte marcial a partir da observação dos movimentos dos animais, e para fixar essa informação trabalhamos um jogo de imitação utilizando os animais que basearam os movimentos do Karatê. Também explicamos sobre a chegada ao Brasil, que o esporte surgiu no Japão e chegou a nosso país através da imigração, utilizando a brincadeira “Barco Navega”, a qual os alunos ficam distribuídos como se estivessem em um barco, porém imitando as instruções do navegador, que vai criando obstáculos para seu percurso. Já na modalidade do Muay Thai, abordamos aspectos da história relacionados ao seu país de origem, partes do corpo utilizadas na modalidade, e o fato do esporte ser tão comum, no seu país de origem, quanto o futebol é para nós. Ao mencionar o país de origem do Muay Thai, que é a Tailândia, notamos que a

maioria dos alunos não o conheciam, então adotamos a estratégia de trazer imagens sobre ele, e utilizamos uma brincadeira de corrida atrás das cores, utilizando as cores da bandeira da Tailândia, para uma melhor visualização por parte dos alunos, a qual falávamos alguma das cores presentes e os alunos deveriam apostar corrida até determinado objeto dessa mesma cor, selecionado previamente pelos residentes. Já para as partes do corpo utilizadas, mencionamos o fato do Muay Thai ser conhecido como a arte dos oito membros (pés, mãos, cotovelos e joelhos), e como abordado anteriormente, realizamos a brincadeira da música da Xuxa para concretizar essas informações para os alunos. Esse momento de abordagem histórica utilizando brincadeiras foi muito importante para começar a desconstrução daquela ideia inicial relacionando as lutas com a violência.

Após essa etapa, começamos a experimentação da prática corporal dessas duas modalidades de lutas. Para esse momento, dividimos uma aula para cada fundamento da modalidade trabalhada, cada aula abordou os movimentos dos socos, chutes, cotovelos, joelho e defesas. Como percebemos a importância em retomar os conceitos da arte marcial como um esporte, e não como violência, ao início de todas as aulas tínhamos um momento de conversa com os alunos. Retomando que os movimentos do esporte não tinham como objetivo machucar o colega, mas sim que era tratado como uma forma de pontuação nas modalidades, assim como o gol no futebol, trazendo argumentos até mesmo sobre os equipamentos de proteção que são utilizados justamente reforçando esse pensamento. Explicamos a cada aula que, como não tínhamos os equipamentos de proteção, mesmo com as atividades bem lúdicas, deveríamos cuidar para não machucar os colegas. A partir dessas reflexões feitas, apresentávamos qual fundamento da modalidade seria trabalhado, e nosso método de ensino técnico desses movimentos era a explicação com demonstração para os alunos imitarem, e a partir desse momento eram feitas as correções técnicas necessárias com alguns alunos, muito semelhante ao método que utilizamos em aulas experimentais nas academias.

O segundo momento, que correspondia a maior parte da aula, introduzíamos esses meios técnicos a partir de jogos e brincadeiras, e foi o momento no qual nos deparamos com o nosso maior desafio, pois foi preciso buscar atividades lúdicas e sem o uso de materiais para ser praticado no contexto escolar, sendo algo totalmente

diferente do que estávamos acostumados na academia. Uma estratégia que foi muito bem aceita e motivou muito os alunos, era utilizar brincadeiras competitivas, dividindo a turma entre times. Após o ensino dos meios técnicos, eram introduzidas essas brincadeiras, como por exemplo, a corrida em duas equipes, a qual cada residente utilizou um colchonete de escudo, para o primeiro aluno de cada fila praticar uma sequência de socos, que eram executados caminhando para frente até o final do percurso, após isso o aluno voltava correndo para o seu companheiro de fila seguir o andamento da corrida, pontuando a equipe que todos os integrantes terminassem primeiro. Assim como também foi utilizado a brincadeira com os balões, a qual após o ensino técnico dos golpes de joelho e cotovelo, utilizamos balões para os alunos experimentarem esses golpes sem deixar o balão cair no chão, introduzindo diversos desafios para dificultar essa tarefa ao longo da aula e motivar os alunos com a atividade. Já na aula dos golpes com chutes, foram ensinados os meios técnicos de chutes frontais e laterais, para depois serem experimentados em uma brincadeira de circuito, o qual os alunos deveriam correr e passar por obstáculos como executar um chute lateral por cima do cone, ou executar um chute frontal dentro do círculo do bambolê. Por fim, nas aulas de defesa, foi utilizado um jogo da velha humano, trocando o símbolo da “bola” e “xis” por duas equipes, uma responsável por marcar sua jogada utilizando as posições de ataque e outra executando as posições de defesa do Karatê. Na aula das defesas do Muay Thai, a estratégia foi a aplicação do jogo “pega pega gelo”, o qual o aluno pego fica parado esperando ser salvo por algum colega, porém adaptando o pegador utilizando uma cartolina para pegar apenas na regias das pernas dos colegas, q se executassem a defesa do chute corretamente na cartolina, não seriam pegos.

Ao final do trimestre, foi perceptível o sucesso com os objetivos de aprendizagens desenvolvidos com as turmas, tanto na dimensão procedimental, quanto na atitudinal. Em relação aos objetivos procedimentais, como o foco era a experimentação, tivemos a participação e o empenho da turma nas atividades propostas, e os alunos realmente conseguiram vivenciar e compreender um pouco sobre os aspetos técnicos de ambas as modalidades. Isso ficou evidente durante as aulas, porém se concretizou no debate final do trimestre, o qual os alunos deveriam responder diversas perguntas retomando diversos conteúdos trabalhados nas lutas, com o requisito de que cada aluno deveria participar da resposta de pelo menos uma

pergunta. Nesse momento perguntamos sobre alguns golpes de socos, chutes, cotovelos, joelhos e defesas, e todos os alunos conseguiram participar lembrando-se dos nomes e demonstrando execuções desses golpes no ar. Além disso, também foi perguntado sobre aspectos atitudinais também, o qual os alunos responderam corretamente sobre as questões das lutas como um esporte, sobre a presença dos equipamentos, e o respeito aos colegas.

Por fim, em relação ao contexto histórico das modalidades, foi realizado um teste em forma de jogo para ligar os pontos, então era entregue aos alunos uma folha com um desenho de um personagem representando o Muay Thai e outro do Karatê. Com isso, estavam distribuídas pela folha diversas imagens aleatórias sobre ambas as modalidades, como por exemplo, a bandeira do muay thai, um golpe do Karatê, e outras figuras também. Objetivo era que os alunos fossem capazes de ligar corretamente cada personagem com a sua modalidade correta, e o resultado foi muito positivo, em geral a turma conseguiu acertar grande parte dessa atividade. Após a avaliação, quando questionamos o que levou eles a ligar corretamente as imagens, surgiram respostas como a relação das vestimentas de cada personagem, relatando a relação do personagem do Karatê utilizando kimono, e o do Muay Thai utilizando bandagens e calção. Também surgiu a relação dos golpes, pois o personagem do Muay Thai utilizava defesas com joelhos e cotovelos, diferente do Karate que estava utilizando defesas com os braços. Essa reflexão final foi muito significativa para mostrar que os alunos conseguiram fazer diversas relações e conseguiram diferenciar muito bem as duas modalidades, mesmo que ambas façam parte da dimensão do conhecimento das lutas.

2.3. Projeto “Escola que Protege”: Uma iniciativa em defesa dos direitos da criança e do adolescente.

A experiência de trabalhar com as lutas no contexto escolar me levou a refletir sobre o alcance da Residência na formação de professores de Educação Física. De modo especial, a adoção de um plano de ensino voltado ao tema das lutas, particularmente a compreensão de valores nas artes marciais, o respeito aos colegas, e o incentivo a não violência. Dentro dessa perspectiva, e visando ampliar as opções para os professores que gostariam de se envolver com esse tipo de projeto, mas não

tem tanto apoio para iniciar, encontrei o projeto “Escola que Protege”, apresentando uma forte ligação com essa temática.

O projeto “Escola que Protege” foi uma iniciativa do Ministério da Educação, implementado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, também conhecida como SECADI, e tinha como objetivo capacitar profissionais para a promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes, assim como o enfrentamento e prevenção das violências no contexto escolar. O projeto teve suas atividades no país entre os anos de 2004 até 2019, e atualmente se encontra descontinuado. Porém, durante esse período, realizou atividades e apresentou alguns resultados positivos em diversos municípios, como pode ser observado na pesquisa que visou a avaliação da implementação do projeto “Escola que protege” na rede municipal de Fortaleza. Segundo (VMB PEDROSA, 2011) ocorreram mudanças positivas nas ações de identificação e notificação das violências, e nas práticas pedagógicas dos profissionais da educação, após a participação no projeto.

A partir do trabalho de R Francischini (2007) podemos entender um pouco como o projeto “escola que protege” age na formação continuada, sendo um projeto da SECAD/MEC, em parceria técnica com o Instituto Partners of the Americas¹ e com coordenação local das pró-reitorias de Extensão Universitária das instituições públicas federais de ensino superior, cuja função foi de organizar e realizar o módulo presencial, uma vez que houve módulo à distância e ensino presencial. Sendo assim, o módulo a distância ofertava um kit didático, videoaulas, contou com cinco sessões de teleconferência, e puderam contar com um sistema de acompanhamento ao estudante. Já o módulo presencial ocorreu entre setembro e dezembro/2006, ofertando debates e trocas de experiências entre os participantes.

Muitas vezes a resolução de problemas e conflitos no ambiente escolar é focada apenas nesse contexto, porém algumas vezes essas situações podem ser

¹ O Instituto Partners of the Americas é um programa de cooperação econômica, sem fins lucrativos, em todo o Hemisfério Ocidental. O programa se caracteriza como uma rede de parcerias voluntárias, trabalhando em diversos campos da sociedade, sendo eles: Proteção à Criança, Educação e Cidadania Global e Desenvolvimento Econômico e Saúde.

reflexas de outros ambientes frequentados pelo aluno, até mesmo situações familiares. Nesse contexto nota-se a importância da atuação desse projeto.

A discussão acerca da importância do papel da escola para combater a violência infantil é antiga, e foi abordada por Marsland (1994) indicando que os casos de abuso, ou suspeita de abuso, exigem o conhecimento e as competências de uma variedade de profissionais da saúde, educação e aplicação da lei. Assim como para Felício (2017) a escola tem um papel importante no enfrentamento do abuso sexual infantil. Considerando que o atendimento às vítimas de violência sexual constitui-se em um desafio aos diversos profissionais que podem estar envolvidos na situação, além de ser necessário apontar que o enfrentamento pela escola das questões relacionadas à violência sexual e à sexualidade precisa ser acompanhada por um processo de formação continuada e debate com os educadores.

Ainda nos estudos de Felício (2017), é apontado características importantes sobre os sinais de abuso sexual, sendo elas: Isolamento, quietude, agressividade, medo, vergonha, tristeza, carência, irritação, desconfiança, apatia, comportamentos regressivos e sexualizados.

Por fim, a partir dessas reflexões e das características apontadas por Felício, também é notável a importância da Educação Física escolar e a atuação do docente dessa área nesse contexto. Levando em consideração que a Educação Física escolar dispõe de uma variedade de atividades envolvendo expressões corporais e uma interação direta entre os alunos, levando a possibilidade de identificação de sinais de violência que podem passar despercebidos em atividades dentro da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um olhar por minha trajetória acadêmica, é perceptível a oferta de diversas oportunidades que a grade curricular, assim como os diversos projetos presentes na ESEFID, oportuniza uma maior experiência e aprendizado dos graduandos. Em um primeiro momento, através da análise de diversas disciplinas marcantes no processo de construção de um futuro professor, nota-se a importância de conteúdos de diversas áreas, alguns considerados até mesmo mais voltados ao Bacharel, porém que podem abordar diversos assuntos muito pertinentes durante as aulas nas escolas e o trabalho com o público infantil.

Também pode ser ressaltada a importância de disciplinas mais típicas da Licenciatura, como as de fundamentos e os estágios obrigatórios, unindo conceitos teóricos na prática, trazendo uma proximidade ao contexto escolar para os alunos de graduação, a partir da experiência de montagens de planos de ensino e construção de relatórios, ao mesmo tempo em que gera o desafio de colocá-los em prática. Gerando um olhar mais maduro em relação a essas experiências, pelo fato de estar prevista na mesma etapa da realização dos estágios, foram mostrados os temas abordados na disciplina de Currículo e Planejamento, a qual nos oportunizou a criação de um Plano de Estudos a partir da pesquisa de alguma instituição já existente, aproximando esse plano da realidade da escola.

Além de toda essa bagagem acadêmica disponível durante o curso, também é importante ressaltar a presença de diversos projetos de extensão na universidade. No caso da minha trajetória, sendo muito marcante o Programa da Residência Pedagógica, que estendeu as práticas presentes nos estágios por um período muito mais longo, permitindo um maior vínculo de professor e aluno, e com isso tornando viável a evolução do trabalho para além da dimensão da Experimentação. Além disso, também oportunizando uma maior liberdade na escolha dos conteúdos e unidades temáticas a serem trabalhados, permitindo a inserção das lutas durante um trimestre escolar. Uma experiência que me trouxe desafios novos, a partir de objetivos de ensino que eu não estava acostumado a trabalhar, e as diversas estratégias de ensino para suprir a ausência de muitos materiais considerados necessários para essa prática. Logo me levando até mesmo a reflexão sobre questões envolvendo as

situações de violência nas escolas, me incentivando a descobrir o projeto “Escola que Protege” e relacioná-lo ao contexto da Educação Física escolar.

A partir do aprendizado durante a formação no curso de Licenciatura em Educação Física, na ESEFID, levo como uma de minhas perspectivas futuras proporcionar aos alunos uma grande variedade de práticas corporais para trabalhar em minhas aulas futuramente, possibilitando um melhor desenvolvimento do repertório motor dos alunos. Claro que sem deixar de lado reflexões sobre diversos aspectos culturais dos esportes, brincadeiras, e práticas corporais a serem trabalhadas. A partir da experiência da Residência Pedagógica, concluindo que é possível trabalhar diversas práticas corporais mesmo sem a presença de muitos materiais necessários.

Reunindo conceitos vistos na disciplina de Currículo e Planejamento na Educação Física Escolar, com a participação na Residência Pedagógica, tenho como perspectiva futura ter a oportunidade de trabalhar com a Progressão Curricular, pois dependendo da faixa etária ou das experiências passadas dos alunos com determinada prática corporal, suas capacidades e aprendizados serão muito diferentes em relação a essa prática. Logo, com um maior tempo de atuação em determinada instituição, essa estratégia de Progressão Curricular pode ser muito interessante de maneira a aproveitar o máximo de todas as práticas corporais trabalhadas, em diversas faixas etárias.

Em relação ao projeto “Escola que Protege”, acredito que um projeto semelhante seria de grande importância para a formação continuada dos docentes no município de Porto Alegre. Levando em consideração que no estado do Rio Grande do Sul, já temos a atuação da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar (CIPAVE), a qual propõe diversas ações sobre a violência. Porém ações mais voltadas ao ambiente escolar, e não levando tanto em consideração a violência no ambiente familiar, que pode trazer consequências para o ambiente escolar também. Logo, nota-se que a inclusão de um projeto semelhante ao “Escola que Protege” sendo abordado no âmbito municipal ou estadual, possivelmente poderia gerar resultados positivos e contribuir ainda mais para a resolução dessa temática sobre a violência infantil, auxiliando em um ambiente não muito abordado pela

CIPAVE, e muitas vezes contribuindo até mesmo para o problema da violência no ambiente escolar, em casos que ele seja consequência desse problema no contexto familiar.

Portanto, em minha futura jornada como docente em Educação Física, pretendo me atualizar constantemente a respeito dessa temática. Buscando aprimorar-me por meio de projetos de formação continuada sobre a violência infantil, aprendendo formas de identificação desses casos, a maneira de reportá-los corretamente, e a melhor estratégia de intervenção diante desse problema.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Educação. Escola que protege.

Buss-Simão, M., & Fiamoncini, L. (2013). Educação física na educação infantil: refletindo sobre a possibilidade de trabalho com projetos. *Pensar a prática*, 16(1).

da Cunha Matos, M. (2020). A importância dos Esportes Alternativos para as aulas de Educação Física. *e-Mosaicos*, 9(22), 299-310.

da Fonseca, D. G., Machado, R. B., da Silva Tavares, N., Fernandes, F., Machado, S., & Costa, A. C. (2015). A educação física escolar na área das linguagens: aspectos curriculares, legislativos e pedagógicos. *Cenários*, 1(11).

Daolio, J. (2003). A ordem e a (des) ordem na educação física brasileira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 25(1).

FELÍCIO, A. G., JESUS, K. V. S. D., & LIMA, S. P. (2017). O PAPEL DA ESCOLA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL.

Francischini, R., & Souza Neto, M. O. D. (2007). Enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes: Projeto Escola que Protege. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19, 243-251.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. *Compreendendo o desenvolvimento motor:- bebês, crianças, adolescentes e adultos.* AMGH Editora, 2013.

GALLAHUE, D. *Developmental physical education for today's children.* Dubuque: Brown & Benchmark, 1996

GOMES, Luis Henrique LS; CARNEIRO-JÚNIOR, Miguel Araújo; MARINS, João Carlos B. Respostas termorregulatórias de crianças no exercício em ambiente de calor. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 31, p. 104-110, 2013.

Marsland, L. (1994). Proteção infantil: a abordagem interinstitucional. *Padrão de Enfermagem (Royal College of Nursing (Grã-Bretanha): 1987)*, 8 (33), 25-28.

Pedrosa, V. M. B. (2011). Políticas Públicas de enfrentamento às violências contra criança e adolescente: avaliação da implementação do Projeto Escola que Protege na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza.

PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; FERNANDES PAIVA, Mirella Lopez Martini; DEL PRETTE, Almir. Contribuições do referencial das habilidades sociais para uma abordagem sistêmica na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. *Interações*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 57-72, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2024.

Rosário, L. F. R., & Darido, S. C. (2005). A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. *Motriz. Revista de Educação Física. UNESP*, 167-178.

Tourinho Filho, H., & Tourinho, L. S. P. R. (1998). Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. *Rev. Paul. Educ. Fís*, 12(1), 71-84.

VALENTINI, Nadia Cristina; TOIGO, Adriana Marques. *Ensinando Educação Física nas Séries Iniciais: desafios e estratégias*. 2 ed. Canoas: Unilasalle, Salles, 2006.